

## EDITORIAL

# É preciso conter as agressões contra jornalistas

O governador Camilo Santana (PT) manifestou-se em suas redes sociais considerando "inaceitáveis" os episódios de violência acontecidos esta semana no Ceará. Entre os casos, uma chacina em Juazeiro do Norte, que deixou quatro pessoas mortas e cinco feridas, e o assassinato de Givanildo Oliveira, responsável pelo portal de notícias Pirambu News.

O titular da Secretaria da Segurança Pública e Defesa Social, Sandro Caron, já foi acionado para trabalhar pela "identificação imediata" dos autores das ações criminosas. É importante que em crimes de grande repercussão, como nestes casos, as autoridades sejam firmes na

busca de punição dos responsáveis, evitando-se que caiam no esquecimento, abafados por novos episódios de violência que, infelizmente, o cotidiano de nossas cidades continua a produzir.

É sabido que a segurança, apesar dos investimentos do governo no setor, continua com um dos pontos fracos da gestão Camilo Santana, como também foi para outros governos que o antecederam, pela complexidade de que o tema se reveste.

Os crimes aqui referidos, tudo indica, envolvem facções criminosas, cujas atividades em solo cearense vem se expandindo de forma rápida e violenta. No caso da morte de Givanildo o objetivo parece ter sido calar a voz de um canal noticioso, o

Pirambu News, que existe desde 2015 e acumula mais de 75 mil seguidores no Instagram, Facebook, YouTube e no blog de notícias.

A suspeita é que uma última postagem assinada pela vítima, noticiando a prisão de um suspeito de matar duas pessoas no bairro Pirambu, tenha sido o motivo de seu assassinato. As entidades que se organizam em torno dos profissionais da comunicação emitiram notas públicas manifestando pesar pela morte, assim como cobrando a elucidação do crime.

Agressões contra jornalistas vêm se tornando assustadoramente comuns no Brasil. No ano passado, a Federação Nacional dos Jornalistas (FenaJ) registrou 430 ataques

contra a imprensa, desde censura, passando por impedimento ao exercício profissional, atentados e um assassinato.

Portanto, é da máxima importância que se tome providências urgentes para evitar que as facções criminosas passem a agir como censores armados, que determinam o que pode e o que não pode ser publicado, atribuindo-se o direito de punir com a morte o jornalista que publicar o que lhes desagrade.

É preciso ir além das declarações. Exige-se do governo uma ação rápida, de modo a impedir uma possível escalada contra jornalistas da periferia que usam a internet para divulgar assuntos de interesse de suas comunidades. ■

## OPOVO

FUNDADO EM 7 DE JANEIRO DE 1928  
POR DEMÓCRITO ROCHA

PRESIDENTE INSTITUCIONAL & PUBLISHER  
Luciano Dummar

PRESIDENTE EXECUTIVO  
João Dummar Neto

DIRETORES EXECUTIVOS DE JORNALISMO  
Ana Naddaf  
Erick Guimarães

DIRETOR DE JORNALISMO DAS RÁDIOS  
Joacilino Leal

DIRETOR DE NEGÓCIOS E MARKETING  
Alexandre Medina Neri

DIRETOR DE GENTE E GESTÃO  
Cecília Estarides

DIRETOR CORPORATIVO  
Erick Villar

EDITORIALISTA-CHEFE E  
EDITOR DE DIVERSIDADE E INCLUSÃO  
Plínio Bortolotti

EDITOR-CHEFE DE OPINIÃO  
Galileu George

CONSELHO EDITORIAL  
Adilza Sá, Diatiby Bezerra de Menezes,  
Fausto Nilo, Francisco José de Lima Mattos,  
Lino Vinício, Marcelo Oliveira,  
Pedro Henrique Saraiva Leão,  
Plínio Bortolotti, Raimundo Padilha,  
Roberto Macedo, Valdemar Menezes,  
Wânia Cyane Dummar

DIRETORA DE JORNALISMO  
Ana Naddaf

DIRETORES EXECUTIVOS  
Ericks Guimarães

DIRETOR DE JORNALISMO DAS RÁDIOS  
Joacilino Leal

EDITORES-CHEFES  
André Bilo, Beatriz Cavalcante, Chico Marinho,  
Cristina Medeiros, Cláudio Holanda,  
Cristiane Frota, Erick Firmo, Fátima Sudário,  
Fernando Grazzioli, Renato Albi,  
Regina Ribeiro, Tássia Alves e Thyago Lavour

EDITORES-ADJUNTOS  
Isabella Araújo, Isamarjuly Cortez,  
Ivana Camalotto, Itala Cerolano,  
Júlio Marcelo Lima, Jordana Leal, Júlia Casari,  
Luana Mota, Marcos Sampaio, Rodrigo Rodrigues,  
Sara Oliveira e Thales Braga

EDITORA DE MÍDIAS SOCIAIS  
Gleusa Chaves

REDATORA DE CAPA E FOLHA  
Donatilla Andrade

ASSESSORA DE COMUNICAÇÃO  
Isabella Negreira

OMBUSSMAN  
Adilza Mattos Brito

EMPRESA JORNALÍSTICA O POVO S.A.  
A. Aguanambi, 282 - Joaquim Távora  
CEP 60025-402 - Fortaleza - CE - Fone: 3254 1010  
CNPJ: 07 222 545-0001-42  
www.opovo.com.br

GALERIA DE PRESIDENTES

Demócrito Rocha (1928 - 1928)

Paulo Saraceni (1928 - 1928)

Cristina Rocha (1928 - 1928)

Adilza Mattos Brito (1974 - 1985)

Demócrito Rocha (1928 - 2008)

ATENDIMENTO  
AO LEITOR E ASSINANTE  
3254 1010  
mercadoassinante@opovo.com.br

AGÊNCIAS DE NOTÍCIAS: Agência Estado e Agência France Press

DISTRIBUIDOR EXCLUSIVO EM BRASÍLIA:  
MÍDIA DISTRIBUIDORA DE JORNALISMO (MIDJ) - Associação Internacional de Brasília Press. Associação Kabitchek. Setor de Quadras, Lote nº 14, s/não Q14 e Q15. CEP: 71408-900 - Brasília/DF. Telefone: (0800) 3134 9903. Fax: (0800) 3134 9901. E-mail: midj@midjbrasil.com.br

PREÇO DO EXEMPLAR NO CEARÁ:  
segunda a sábado: R\$ 3,00; domingo: R\$ 4,00  
OUTROS ESTADOS DO NORDESTE:  
segunda a sábado: R\$ 4,50; domingo: R\$ 6,00  
OUTROS ESTADOS:  
segunda a sábado: R\$ 5,50; domingo: R\$ 10,00  
ASSINATURA ANUAL: R\$ 1.132,00

ANU - Associação Nacional de Imprensa

ABC - Associação Brasileira de Comunicação

WIC - Associação Brasileira de Imprensa

## ARTIGOS

### Uma ficção chamada terceira via



Plínio Bortolotti  
plinio.pab@gmail.com

Jornalista do  
O POVO

Tenho insistido, escrevendo ou nas minhas participações nos Debates do Povo (rádio O POVO/CBN), que a chamada "terceira via" é uma ficção, um projeto político que nasceu fracassado.

Primeiro porque pressupõe, equivocadamente, a existência de dois extremos: à direita e à esquerda. Mas somente um dos polos é extremista, o presidente Jair Bolsonaro, posto que Luiz Inácio Lula da Silva é um político de centro-esquerda, ou social-democrata, como queiram.

Depois, porque convencer os terreiristas de que todos deveriam abrir mão da candidatura a presidente, à exceção de um, que seria o representante do grupo, exigiria um casamento

de cobra com girafa, de todo impossível.

Assim, na falta de argumentos, normalmente recebo como réplica que essa seria uma análise "petista" sobre a disputa pela Presidência em 2022. Entretanto, estou apenas narrando o jogo.

Para ficar apenas nos mais conhecidos, são cinco candidatos a ocuparem a vaga de tértius: Sérgio Moro (Podemos-PR); Ciro Gomes (PDT-CE); João Dória (PSDB-SP); senador Rodrigo Pacheco (PSD-MG) e senadora Simone Tebet (MDB-MS).

O que existe de comum nesse grupo disperso — sem contar egos exacerbados e os interesses de individuais e grupais —, que pudesse unificá-lo em um programa político?

Apesar de tudo, a senadora Simone Tebet, entrevistada por mim e Marcos Tardin no programa de segunda-feira, disse que até o mês de março deste ano, depois de

analisadas as pesquisas, o pretendente que estiver em melhores condições, quanto ao apoio popular, poderá assumir o papel de unificador do grupo.

Mas, sinceramente, vocês veem João Dória, governador de São Paulo, abrindo mão da disputa, ainda que esteja mal nas pesquisas? Moro o faria? Tebet? Ciro Gomes, um estranho no ninho da terceira via, desistiria de sua candidatura?

O negócio está tão ruim para a terceira via que, segundo a jornalista Mônica Bergamo (Folha de S.Paulo), líderes do PSD, de Gilberto Kassab — ainda minoritários, mas expressivos —, já defendem apoiar Lula logo no primeiro turno.

É certo que a "política é dinâmica", mas se o PSD bandear-se para Lula, será preciso um milagre para salvar terceira via, pois a futura poderá ser liquidada no primeiro turno. ■

### Sonhos



Tales M. de Sá Cavalcante  
tales@fariasbrito.com.br

Reitor do FB  
UNI e Diretor-  
Superintendente  
da Org. Educ.  
Farias Brito

O cenário era o Alabama, nos EUA, em 1950. Os olhos de Martha Tucker, 25 anos, remetem a visão para o coração, que palpitava. Sua paixão lembrava a que Tom Jobim expressa em "Wave": "Os olhos já não podem ver/Coisas que só o coração pode entender/Fundamental é mesmo o amor/ É impossível ser feliz sozinho".

A protagonista real tornou os sonhos de encanto, namoro e noivado também reais. Agora, dar-se-la o maior deles. Dominava-a a sensação só vivida por pessoa que ama, ou está neste, sobretudo quando prestes a se casar. Mas nem tudo são flores, principalmente naquele local, naquela época.

Por ser afro-americana, Martha não acessava ônibus, toaletes, escolas, médicos, hospitais ou qualquer ambiente exclusivo de brancos, além de, como os seus semelhantes, poder ser vítima de violência, prisões indevidas e várias outras discriminações. Em todas as lojas que vendiam vestidos de noiva e foram por ela visitadas, não entravam pessoas da sua cor. A solução foi usar, no casamento, uma vestimenta azul doada por familiares.

Recentemente, ela confessou à neta Angela Strozler não ter realizado o seu grande sonho de usar uma veste de noiva. Angela decidiu dar à avó de 94 anos um dia de noiva completo — com direito a "make": quando, já pronta, se viu no espelho, a anciã afirmou: "Olha para mim." Uma das nubentes que já estavam chorou.

Martha revelou à neta: "Eu sempre quis experimentar um vestido de noiva. Aos 94 anos, senti que eu me casar. Eu não queria tirá-lo. Eu ficava bem nele. E me perguntei como seria a minha aparência, caminhando pelo corredor. Foi emocionante."

Em 28 de agosto de 1963, Martin Luther King pronunciou seu histórico discurso para cerca de 250 mil pessoas. Ao ecoar um grito de guerra em prol da paz. Disse-o: "I have a dream (Eu tenho um sonho)" e rogou, entre outros desejos: "meus quatro filhos pequenos viverão um dia numa nação onde não serão julgados pela cor de sua pele, mas pelo conteúdo de seu caráter".

Tantos anos depois, sabemos que o sonho de Martha foi realizado, mas os de Mr. King, não. Já é tempo de o grande líder ser atendido. ■

### Moisé foi vítima da antinegritude do Brasil



Pedro Paulo da Silva  
ppedro@ps@gmail.com

Pesquisador  
da Rede de  
Observatórios  
da Segurança

Moisé Kabagambe era um dos 1,600 congolezes em situação de refúgio reconhecidos pelo estado brasileiro entre 2011 e 2020 — a terceira maior nacionalidade de pessoas nessa condição nesse período, segundo o CONARE.

O jovem de 24 anos e sua família chegaram ao Rio de Janeiro em 2011, buscando escapar de conflitos armados que assolam sua pátria, nutridos por uma esperança de que o Brasil poderia garantir uma existência pacífica. A maioria parte de pessoas em situação de refúgio no Brasil vivem em contextos precários, ora de habitação, ora de trabalho, ora de alimentação. Moisé não fugia a esse padrão, e por isso trabalhava informalmente

em um quiosque na praia durante o verão.

No último dia 24, o jovem foi ao quiosque para receber pagamentos em atraso referente aos seus dias de trabalho e terminou sendo linchado até a morte por três homens. De acordo com a Rede de Observatórios da Segurança, o linchamento é um evento em que duas ou mais pessoas agredem outra, levando ou não à morte. Entre 2020 e 2021, a Rede registrou 187 linchamentos nos estados da Bahia, Ceará, Pernambuco, Rio de Janeiro, e São Paulo.

Moisé é vítima da antinegritude que se faz presente desde dos primórdios do Brasil submetendo corpos como o do jovem à violência pública e visceral que vêm desde os pelourinhos até os linchamentos contemporâneos. O pilar da antinegritude é desumanização que resume o negro a um corpo para

trabalhar precariamente e manter a economia da cidade, mas que ao mesmo tempo é indigno do direito à vida. Enquanto uma pessoa em situação de refúgio e negro, Moisé foi duplamente excluído de dentro da "nação" brasileira e de gozar dos privilégios que se incluem nesta categoria.

É essa mesma antinegritude que informa a demora para esse evento ganhar tração nas mídias e também impede com que a palavra "racismo" seja mencionada pela maioria dos veículos midiáticos. Além de também possibilitar que a gravação desse brutal assassinato seja veiculada, afinal, não há razão para se preocupar com trauma que a constante veiculação de uma morte ocasional na família ou em outras pessoas negras submetidas à violência, afinal: é só mais um corpo negro sendo brutalizado, não? ■

## PARA FALAR COM A GENTE

OMBUSSMAN  
ombudsman@opovodigital.com

WHATSAPP  
(85) 98895 9807

E-MAIL  
opiniao@opovo.com.br

TELEFONES  
(85) 3255 6104 ou 3255 6129